

"Se o psicanalista fosse apenas um técnico, contentar-se-ia com a psicanálise que pratica com seus pacientes e nem sentiria a necessidade de perder-se como Dom Quixote no universo dos livros".¹

As marcas da literatura sobre a psicanálise, desde sua invenção por Freud, são plenamente reconhecíveis por todos aqueles que, entre a clínica e os livros, sentem-se tomados por esta atração quase irresistível pelos textos literários. Descobrem-se eles como Quixotes, perdidos em aventuras cavaleirescas, à procura, na palavra poética, do valor e da dignidade da vida e, em verdade, também à procura do valor e da dignidade - um questionamento inevitável - da própria prática clínica.

Apesar disso, muito se tem discutido sobre a validade desta aproximação, em termos da constituição de um saber que utilize a referência psicanalítica para abordar as obras literárias e dali desenhar um efeito de interpretação. Interpretar um texto é descobrir-lhe um núcleo de

Passagens: entre a criança e a criação

Resenha de Maud Mannoni, *Amor, Ódio e Separação*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1995, 137 p.

verdade. Trate-se de uma verdade do desejo posto em cena pela obra, ou de uma verdade histórica relativa à vivência do autor; é esta relação entre saber e verdade que tem sido posta em questão. Discute-se, de um lado, a legitimidade da constituição de um saber psicanalítico a partir de uma situação não clínica, sendo a clínica considerada o sedimento de toda teoria psicanalítica. De outro lado, considera-se a validade do efeito da verdade psicanalítica sobre a obra posta em questão: toma-se a interpretação psicanalítica como redutora, fazendo calar a obra, mais do que ouvir sua voz própria; produzindo no leitor apaixonado um efeito de tristeza e desilusão, à medida que traz à tona aquilo que a arte e a criação supostamente fizeram por ocultar.

Os textos reunidos em *Amor, Ódio e Separação*, de Maud Mannoni, consistindo num exercício destas passagens entre o literário - e a criação artística em geral - e a clínica psicanalítica, permitem-nos tocar nestas questões e de certa forma reconsiderá-las. Resulta de sua leitura uma impressão surpreendente de fecundidade no entrelaçamento que a autora constrói

entre textos literários e a vida infantil. Não se encontra aí o silenciamento da obra - pelo contrário, todo o texto faz um convite à paixão de ler - nem há, por outro lado, qualquer esvaziamento das inquietações advindas da atividade clínica. Sintonizada por uma preocupação fundamental e sensível pela criança e, mais especificamente, pelas situações-limite da infância, situações que beiram o intolerável e a ameaça à integridade psíquica, a autora desafia fragmentos da literatura, desde os contos de terror até os contos maravilhosos de Andersen, e o faz com tal delicadeza que nos contagia de amor por estes autores e obras que, com tanta habilidade conseguem nos dizer as coisas fundamentais da vida, nomeando o inominável. Assim, a prática psicanalítica convoca a palavra literária e a homenageia como a um mestre. Sentimo-nos, como leitores, comovidos por podermos receber do literário um alimento de pensar; de pensar

uma vida - humana, demasiado - cujo sentido, freqüentemente insondável, nos escapa.

O amor à obra cultural humana revela-se, assim, neste conjunto de textos, como amor à palavra verdadeira, "campo em que o desejo humano encontra meios de se mediatizar", refúgio ou resgate de vidas esfoladas, de humanidades despedaçadas. Em certa passagem, relatando sobre experiências culturais vividas em Bonneuil por crianças muito prejudicadas, a autora comenta que se fazia absolutamente necessária a presença, na instituição, de estagiários estrangeiros provenientes de outras tradições culturais. Diz ela: "o que nos é pedido, de certa maneira, em nossa trajetória com elas, é a *abolição de nossas próprias defesas* (...) É por isso também que qualquer lugar, por mais original que tenha sido em sua fundação, só pode continuar à escuta dessas crianças quando a equipe é renovada por uma presença de estagiários estrangeiros que venham questioná-la a partir de uma cultura e de um lugar diferentes. Caso contrá-

rio, a rotina, a esclerose e a paralisia logo nos vêm espreitar - são a maneira de o adulto se proteger de todos esses 'esfolados vivos'" (p. 74).

Esta figura do estrangeiro, que com seu olhar-de-outro-lugar nos sacode a familiaridade e nos atira outras possibilidades de indagações, representando um lugar de diferença, a partir do qual é possível reescutar a criança e reencontrar-lhe a linguagem, impregna e constitui também o lugar da literatura e da produção cultural humana frente à psicanálise. É como estrangeiro que a literatura comparece nestes textos. Como estrangeiro que, ao nos lançar suas vozes inquietantes, vem auxiliar a nós, psicanalistas clínicos, em nosso aturdimiento, a reencontrar ânimo e fôlego para o contato e a escuta dessas crianças de almas esfoladas e no entanto vivas. "O artista, de fato, faz o analista descobrir uma verdade do inconsciente que lhe escapa e com a qual ele não se preocupa" (p. 120). O artista, ao nos encarar deste outro lugar, estrangeiro, lugar de criação, nos reconduz, nos traz de volta, a um campo em que muitas

vezes sentimo-nos cegos; fertiliza a terra, às vezes árida e desumedecida, daquilo que é inconsciente e silenciado em nós próprios. Ao nos lançar, em poesia, paixões, terrores e angústias humanas, permite-nos reencontrar uma voz, a partir do silêncio, afinando a escuta ao nosso ser silenciado. É a presença da literatura e da arte neste terreno - terreiro - de evocação da estranheza, do qual questões são lançadas à psicanálise, que torna fecunda e singular a leitura de M. Mannoni.

Entretanto, se o olhar da autora captura na literatura a sua "estrangeirice", o horizonte para o qual ele se dirige é, permanentemente, a clínica. Também neste aspecto o texto é surpreendente, pelo poder que revela de ecoar estas vozes esfoladas; pela acuidade com que nos faz escutar a vida no seu limite com a morte: a solidão, a loucura, o horror, a miséria que povoam o mundo de certas crianças; pelo impacto, enfim, que nos produz ouvir seus corações.

"Perdi-me no mar muitas vezes com os ouvidos repletos de flores recém colhidas com a língua repleta de amor e agonia.

Perdi-me no mar muitas vezes como me perco no coração de certas crianças" (p. 56).

Com esta citação dos poemas de Garcia Lorca, musicados e reunidos por George Crumb, Mannoni evoca seus horizontes de perdição: entre o mar quixoteiro das palavras e o coração da criança.

Ao texto literário, ela pergunta: como fala a criança nesta obra? Que palavra lhe é dada? Que vivência fundamental encontra expressão nesta palavra? A criança é vista aqui como o ser "cujo destino será separar-se dela [da mãe] para adquirir uma identidade e uma fala próprias" (p. 55). O problema da separação da criança em relação ao corpo e ao desejo maternos, da conquista por ela de um corpo e de uma voz próprios, o drama deste nascimento para o mundo, tal como vivido nas fantasias infantis - questão que é tomada em termos psicanalíticos por autores tão diversos como Winnicott, Lacan, Dolto e Mahler, todos citados pela autora - é o núcleo a partir do qual circulam as questões colocadas por Mannoni. Desde o seu título, a questão da separação está posta como central, sendo mesmo impossível não ouvir nele os ecos do título de um outro livro: *Amor, Ódio e Reparação*, de Melanie Klein.

Poderíamos dizer que é a separação que se trata de reparar. De fato, é aos terrores ligados às situações de perda da continuidade de ser, implicados nas vivências traumáticas de separação vividas pela criança, que a autora nos remete, ao tomar em consideração os textos literários e as obras culturais. Assim, a partir da trama construída entre a teoria psicanalítica, representada por estes autores diversos, e os fragmentos literários apresentados, ela vai trançando os elementos que, como malhas de cores e texturas diversas, definem o tecido e a tessitura da pergunta que reúne todos estes textos num só volume. Pergunta que poderia ser colocada nestes termos: como se engendram criança e criação? Ou, mais especificamente, como é possível criar sobre experiências de horror? Ou ainda, nas palavras da autora: "Como podem o horror e o desamparo vividos na infância constituir o material próprio da obra artística" (p. 11)?

A articulação teórica desta questão encontra referência em dois momentos da obra de Freud que marcam sua presença como pano de fundo em todos os capítulos do livro. Num primeiro plano, a questão se coloca no âmbito das considerações levantadas por Freud em 1908, no texto *Escritores criativos e devaneios*, onde ele se propõe a responder de que fontes o escritor criativo (esse estranho ser) retira o material para sua inspiração; e mais do que isso,

como consegue perturbar-nos com emoções sobre as quais nunca nos havíamos detido a considerar. Como se sabe, ao buscar na experiência comum uma equivalência para a atividade criativa do escritor, Freud introduz, neste texto, a noção de uma linha de continuidade entre a brincadeira infantil e a criação literária. Com isto permite-nos pensar na constituição deste outro espaço do viver, que não é o da realidade, nem tampouco o do prazer exclusivo, mas que se refere tanto ao prazer quanto à realidade; espaço que veio a ser chamado e conceituado por Winnicott como 'espaço potencial': área intermediária entre o externo e o interno, transicional entre a fusão e a separação; área onde ocorre a experiência criativa e onde se localiza, enfim, toda a experiência cultural humana, desde o brincar, até as produções elaboradas da arte.

A questão posta por Winnicott e retomada por Mannoni faz mais do que interrogar sobre a natureza da pulsão criadora; de fato, o que se pergunta é sobre a relação entre a vida criativa e o fato mesmo

de viver. Para Winnicott, como se sabe, a criação é inseparável da saúde e de certa alegria de viver. "É através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida."² Trata-se, então, de compreender como esta vida criativa pode se perder e como, ao contrário, é possível restituir ao sujeito as condições para que seu desamparo, sua loucura, encontrem meios de se exprimir.

Esta questão é que articula à primeira referência, considerada a noção de 'situação traumática', elaborada por Freud a partir de 1920, como fracasso do sistema de proteção do psiquismo e invasão deste por um aumento intensivo de excitação e desprazer; excitação que tem que ser dominada, embora o sujeito tenha condições precárias para tal tarefa. A 'situação traumática' remete assim, fundamentalmente, a angústias de abandono, a experiências de solidão e terror que invadem o sujeito intrusiva e violentamente. Como é possível transpor estas experiências para uma 'Outra Cena' (O. Mannoni), ficcional ou de qualquer forma criativa, em que o desamparo possa ser recriado e, de certa maneira, desdobrado em brincadeira? Como é possível tal transposição, a partir do

horror, para uma cena imaginária na qual o sujeito possa expressar-se por meio da palavra, neste "campo de jogo" constituído entre ele e o outro?

É esta, fundamentalmente, a pergunta lançada por Mannoni. Pergunta que insiste no decorrer de todo o livro, entre Poe, Pirandello, Edith Wharton, Andersen ou Dickens de um lado e, de outro, entre crianças seqüestradas, sobreviventes de atrocidades, crianças 'loucas' e mudas, "com quem tudo tem de ser reinventado" (p.74).

Desenha-se aí a preocupação fundamental da autora: reinstalar na psicanálise o estrangeiro, com suas vozes de além; escutar o insensato do desejo; reabrir e desenvolver, assim, a nossa herança cultural, em sua diversidade; e, enfim, defender uma educação orientada não para metas adaptativas de eficiência e sucesso, mas para a garantia das condições de auto-invenção e busca, a partir de sua vinculação com o prazer de viver relacionado aos proces-

sos de criação nas relações eu-outro. "É uma parcela de loucura e solidão que pode exprimir-se na arte, na literatura, no teatro e em outras formas de criação" (p.92). "Reencontrar a linguagem das crianças - nunca é demais dizê-lo - é começar por escutá-las, reencontrando a criança e a loucura em si mesma" (p. 104). É sobre a articulação destas duas dimensões da escuta psicanalítica, desdobrando-se em dupla abertura, ao coração do texto literário e à palavra silente da criança, que a autora, delicada e comovetemente, convoca-nos a refletir.

Camila Pedral Sampaio é psicóloga e psicoterapeuta, Professora Assistente-Mestre da PUC-SP, participa da equipe de psicanálise do departamento de Psicologia Social desta instituição.

NOTAS

1. Green, A.. "O Desligamento" in *O Desligamento*, Rio de Janeiro, Imago, 1994, p. 16.
2. Winnicott, D. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 95.